

# BOLETIM DE CONJUNTURA

93

# 2018

## 2º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

**APICCAPS**

Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,  
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucadâneos

No segundo trimestre, a produção da indústria portuguesa de calçado mostrou uma tendência de estabilização ou ligeira diminuição, com uma contração da carteira de encomendas, principalmente do estrangeiro. No entanto, três quartos das empresas mantiveram o seu nível de emprego. Os preços em Portugal permaneceram estáveis mas no estrangeiro continuou a sentir-se a tendência de aumento que se tem verificado ao longo do último ano. Globalmente, as empresas fazem uma avaliação positiva da conjuntura, embora mais moderada do que há um ano. As empresas de maior dimensão mostram-se mais satisfeitas do que as restantes.

A insuficiência de encomendas, especialmente do estrangeiro, é a principal preocupação da indústria que a atribui, em grande medida, às condições climatéricas atípicas que têm marcado os últimos trimestres. A dificuldade em encontrar mão-de-obra, em especial mão-de-obra qualificada, tem também vindo a ganhar um peso crescente entre as dificuldades da indústria.

Para o terceiro trimestre, as empresas preveem a manutenção destas tendências, não se devendo registar alterações de monta na produção, carteira de encomendas e emprego, o que é consistente com as perspetivas macroeconómicas que apontam para que os principais mercados do calçado português continuem a crescer a taxas diminutas e em desaceleração.

Publicação Trimestral editada pela



Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado,  
Componentes e Artigos de Pele e seus Sucedâneos

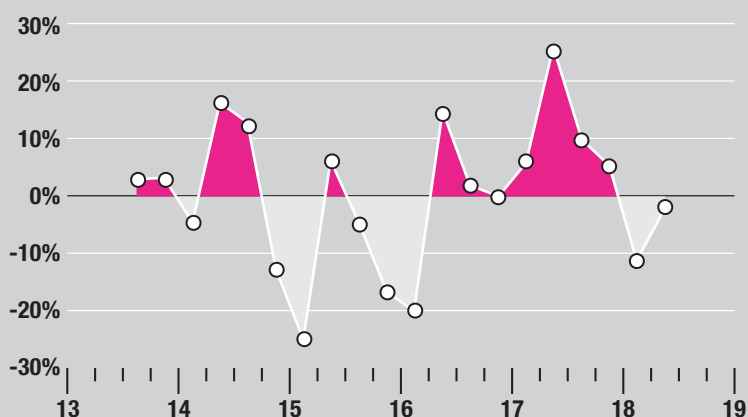
Com o apoio do programa COMPETE

**Coordenação Técnica**

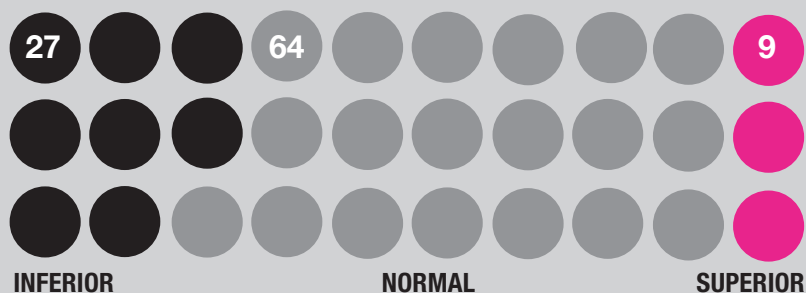
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da  
Universidade Católica Portuguesa, Porto

# Produção

A estabilização foi a tendência mais frequentemente indicada (44% dos respondentes) quanto à evolução da produção da indústria portuguesa de calçado, no segundo trimestre de 2018. Registou-se, contudo, uma grande diversidade na situação individual das empresas, com as que sofreram uma diminuição a superarem ligeiramente as que conseguiram um aumento, originando um saldo de respostas extremas (s.r.e.) de -2 pontos percentuais (p.p.), ao contrário do que indicavam as previsões formuladas no trimestre anterior. Entre as empresas dedicadas exclusivamente à exportação passou-se, no entanto, o oposto, sendo mais numerosas as respostas positivas.



# Utilização da Capacidade



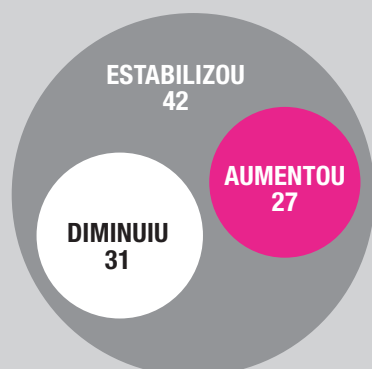
A utilização da capacidade produtiva permaneceu sensivelmente inalterada face ao primeiro trimestre do ano. Quase dois terços das empresas consideram que se encontra dentro do normal para a época do ano (64%). Entre as restantes, o saldo de respostas extremas melhorou ligeiramente, embora se mantenha negativo (-18 p.p.). Nesta matéria, os resultados não variam com a orientação de mercado das empresas, mas as de maior dimensão fazem uma avaliação mais favorável da situação do que as restantes.

# Carteira de Encomendas

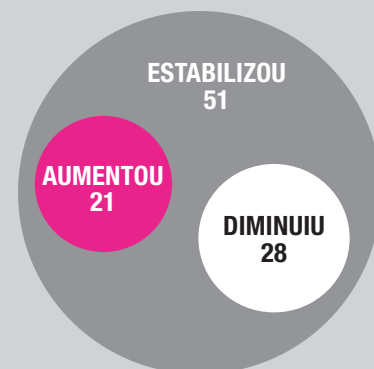
A carteira global de encomendas teve uma evolução semelhante à produção: a estabilidade foi a resposta mais frequente (42%), mas as empresas que sentiram uma diminuição excederam as que obtiveram um aumento, resultando num s.r.e. negativo (-4 p.p.), contrariando as expectativas existentes. Ao contrário do que aconteceu frequentemente no passado, este saldo foi tendencialmente mais negativo entre as empresas de maior dimensão.

No que respeita à carteira de encomendas vindas do estrangeiro, as indicações de estabilidade são mesmo maioritárias (51%), particularmente entre as empresas de média e grande dimensão. O saldo de respostas extremas foi, no entanto, negativo, o que é extremamente invulgar no segundo trimestre do ano, e está inversamente relacionado com a dimensão das empresas. As empresas que exportam 75% a 95% da produção foram as que registaram melhores resultados.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



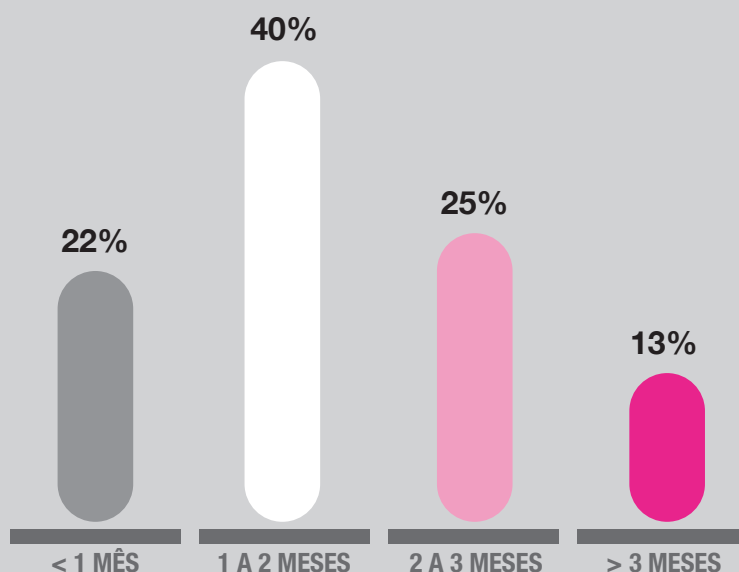
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



# Horizonte

## PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

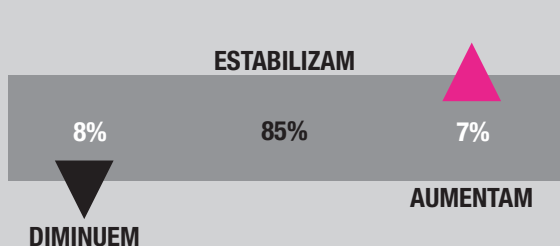
A evolução pouco favorável da carteira de encomendas refletiu-se negativamente no tempo de produção que as empresas consideram ter garantido: a percentagem de inquiridos que declaram ter 2 a 3 meses, ou mais, diminuiu para 38%, o valor mais baixo dos últimos cinco anos; em contrapartida, aumentou acentuadamente a percentagem dos que dizem ter menos de um mês de atividade assegurada, particularmente entre as empresas mais pequenas e orientadas para o mercado nacional.



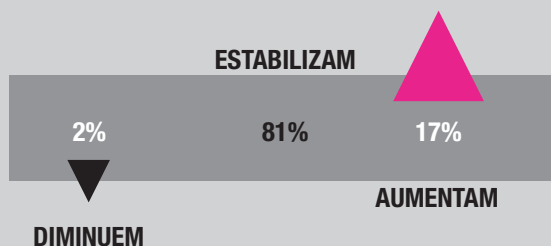
# Preços

No segundo trimestre, dissipou-se a tendência para o aumento de preços no mercado nacional que se tinha manifestado no período anterior: 85% dos inquiridos dizem agora que os preços estabilizaram e os restantes dividem-se quase por igual entre as indicações de aumento e diminuição, até com ligeira predominância destas últimas. Já quanto aos preços nos mercados internacionais se mantém, pelo sexto trimestre consecutivo, uma tendência de aumento: as empresas que dizem que os seus preços subiram excedem em 15 pontos percentuais as que referem uma diminuição, o saldo mais elevado dos últimos seis anos. Esta tendência é comum às empresas de todos os escalões de dimensão.

## EM PORTUGAL



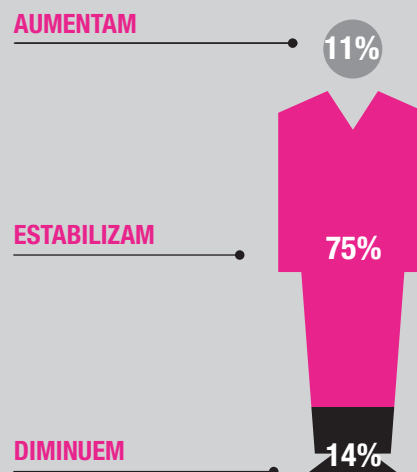
## NO ESTRANGEIRO



# Pessoas ao serviço

## EVOLUÇÃO DO EMPREGO

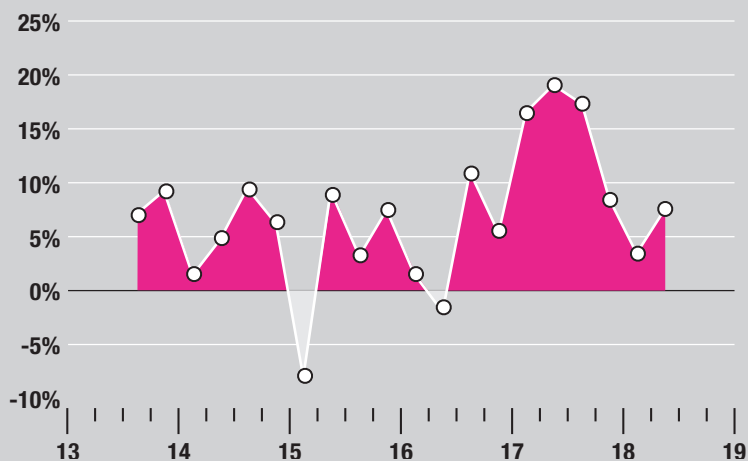
Apesar do comportamento dececionante do mercado neste primeiro semestre de 2018, três em cada quatro empresas dizem ter mantido inalterado o número de pessoas ao seu serviço. Entre as restantes, há uma ligeira predominância de respostas de sentido negativo (s.r.e. -3 p.p.), tal como as empresas já previam no trimestre anterior. As pequenas empresas tiveram, nesta matéria, uma evolução mais favorável do que as restantes, apresentando um saldo de respostas extremas de +5 p.p.



# Estado dos negócios

A maioria das empresas (58%) consideram que o estado dos negócios no segundo trimestre foi suficiente e o saldo de respostas extremas manteve-se positivo (+8 p.p.), tendo até melhorado ligeiramente face ao trimestre anterior, embora ficando aquém das previsões então formuladas.

Mais de metade dos inquiridos (52%) entende também que o atual estado dos negócios é idêntico ao registado um ano antes. Entre os restantes, os que entendem que o estado de negócios se degradou superaram, embora por pequena margem, os que consideram que melhorou. Há, no entanto, uma considerável diversidade de opiniões a este respeito, com quase um quarto das empresas a dizerem que o estado dos negócios melhorou e uma percentagem ligeiramente superior a afirmar que se degradou, resultando num s.r.e. de -4 p.p.



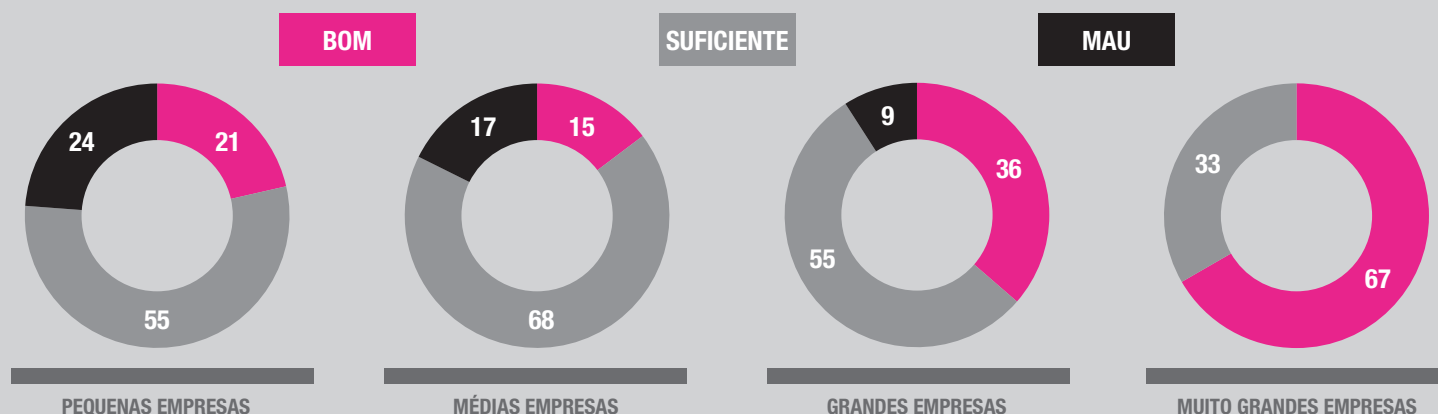
## PERÍODO HOMOLOGO



## I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.

A apreciação que as empresas fazem do estado dos negócios é tanto mais favorável quanto maior a sua dimensão: o saldo de respostas extremas é negativo entre as pequenas e médias empresas, mas fortemente positivo entre as grandes e muito grandes. Ao contrário

do que aconteceu no trimestre anterior, essa apreciação é também claramente mais favorável entre as empresas com maior vocação exportadora do que entre as orientadas predominantemente para o mercado nacional.



# Limitações à produção

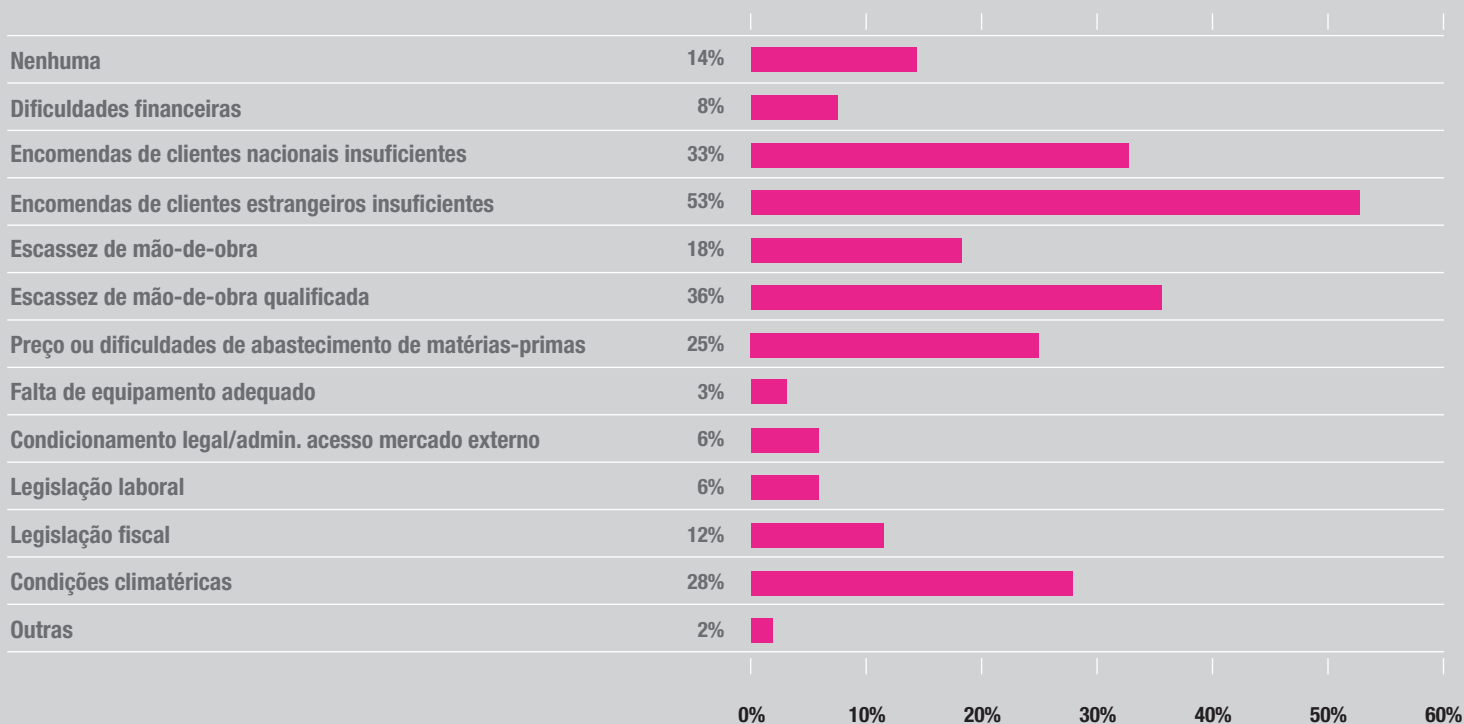
As respostas às questões anteriores apontam para uma evolução decepcionante dos mercados no segundo trimestre de 2018, que as empresas atribuem parcialmente às condições climáticas: tal como nos três trimestres anteriores, uma percentagem muito elevada dos inquiridos (28%) considera que esta é uma das principais dificuldades com que estão confrontados.

Apesar disso, a percentagem de inquiridos que incluem a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros entre as suas principais dificuldades diminuiu acentuadamente face ao trimestre anterior (-9 p.p.), embora se mantenha num nível historicamente elevado (53%). Já a percentagem dos que se queixam da insuficiência de encomendas nacionais (33%) aumentou, dando continuidade a uma tendência que se iniciou em meados de 2014.

As empresas, nomeadamente as de maior dimensão, estão também crescentemente confrontadas com escassez de mão-de-obra e, especialmente, de mão-de-obra qualificada. Apesar do abrandamento da atividade registado nos últimos trimestres, as referências a estes fatores atingiram, em ambos os casos, níveis recorde (18% e 36%, respetivamente). Já as dificuldades relacionadas com outros fatores de produção diminuíram, no caso das matérias-primas (para 25%) ou mantêm-se muito reduzidas, no caso do equipamento (3%).

Entre as dificuldades de ordem legal e administrativa, a legislação fiscal é a mais referida embora, ainda assim, por uma percentagem relativamente pequena de empresas (12%). Também pequena (8%), embora em crescimento, é a percentagem de empresas que se debatem com dificuldades financeiras. As referências a este tipo de dificuldades proveem exclusivamente de pequenas e médias empresas. A percentagem das que consideram não ter nenhuma dificuldade (14%) manteve-se ao nível, historicamente baixo, do trimestre anterior.

As empresas que se dedicam exclusivamente à exportação distinguem-se favoravelmente das restantes, afirmando com mais frequência não enfrentar nenhuma dificuldade (19%) e, com muito menor frequência (3%), terem dificuldades financeiras. Estas empresas mostram-se também menos preocupadas com as condições climáticas (14%).



# Tendências da produção

Depois de dois trimestres em que as suas previsões otimistas não se confirmaram, as empresas mostram-se agora prudentes, considerando que, no terceiro trimestre do ano, a produção da indústria deverá estabilizar ou registar um ligeiro crescimento: 48% das empresas

acreditam que estabilizará e, entre as restantes, as previsões de aumento superam as de diminuição em apenas 2 pontos percentuais. Estas previsões não são significativamente afetadas pela dimensão ou orientação de mercado dos inquiridos.

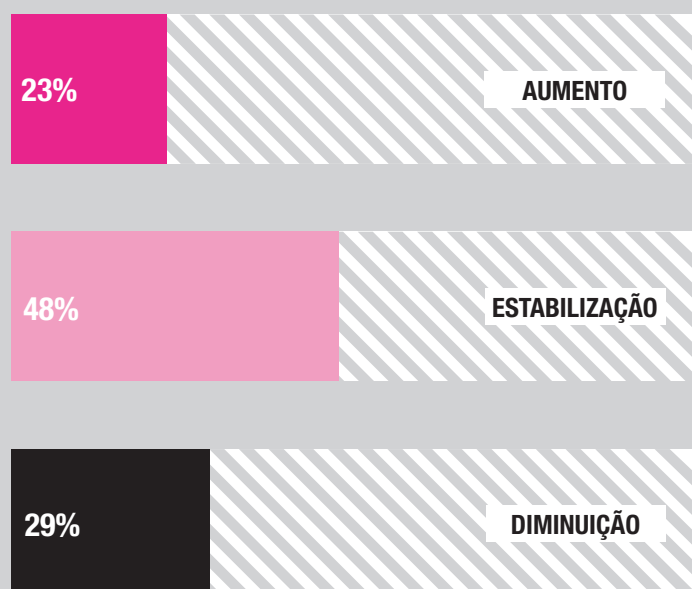


# Perspectivas de encomendas

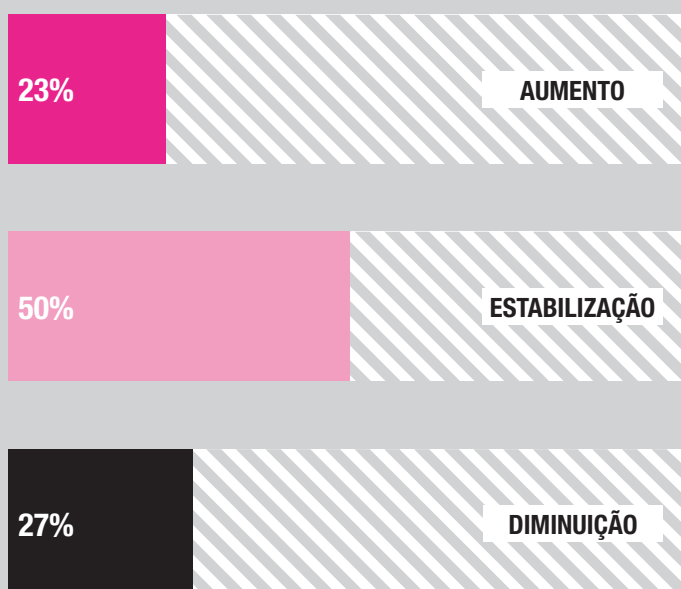
As expectativas relativas à carteira global de encomendas não são muito diferentes embora, neste caso, as previsões de sentido negativo superem as positivas (s.r.e. -6 p.p.). O mesmo se passa quanto à carteira de encomendas do estrangeiro, mas com um saldo

menos negativo (-4 p.p.) por contrapartida de uma maior percentagem de indicações de estabilização (50%). No entanto, entre as empresas mais pequenas (menos de 50 trabalhadores), o saldo de respostas extremas é positivo (+8 p.p.).

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

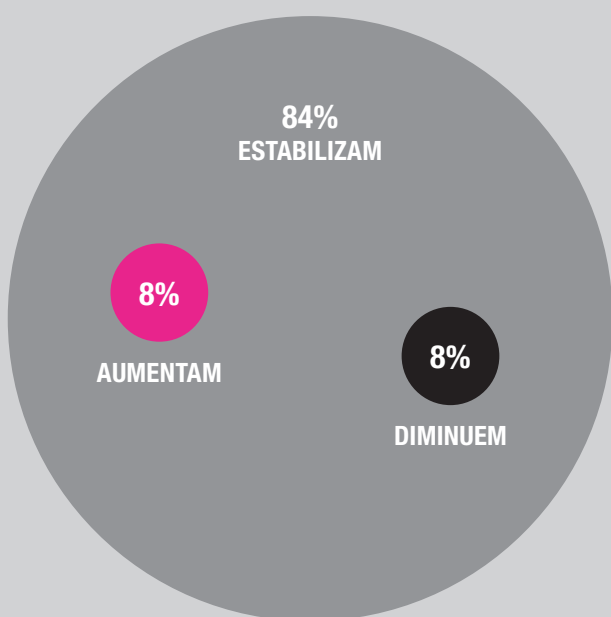


# Perspetivas de preços de venda

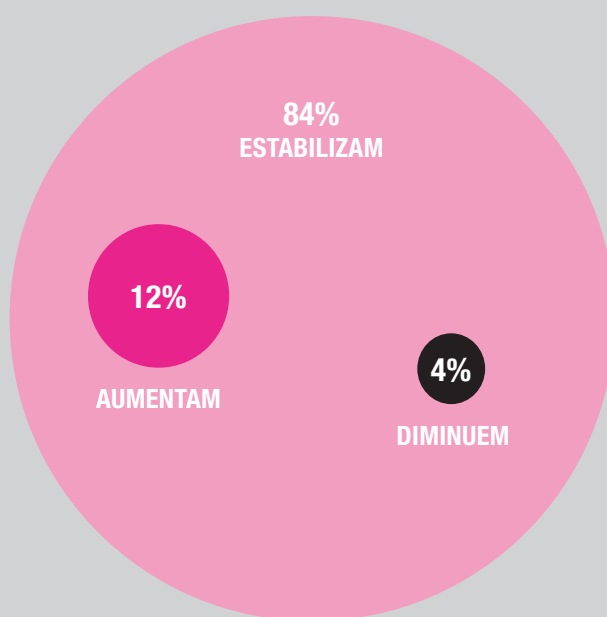
Os preços no mercado nacional deverão permanecer estáveis, tal como aconteceu no trimestre agora terminado: 84% das empresas afirmam que assim será e as restantes dividem-se por igual entre as hipóteses de aumento e diminuição. Já os preços nos mercados internacionais deverão manter uma tendência de subida, uma vez que

as empresas que acreditam no seu aumento superam em 8 pontos percentuais as que preveem a sua redução. Entre as empresas que se dedicam exclusivamente à exportação, este saldo atinge 19 p.p. No entanto, como habitualmente, a larga maioria dos inquiridos apontam para a sua estabilidade (84%).

## PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

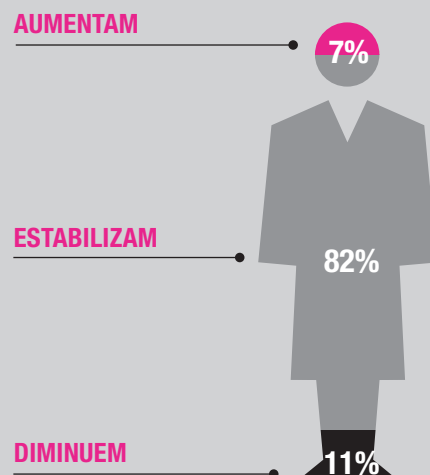


## PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



# Perspetivas sobre o emprego

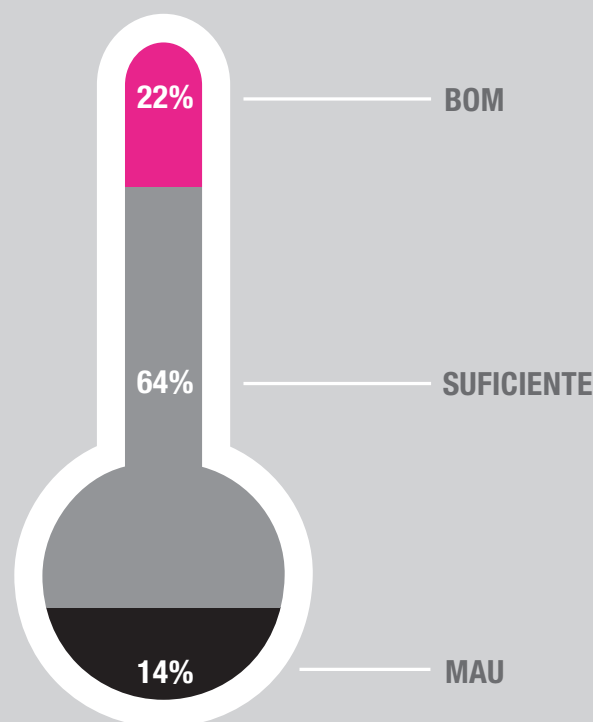
Estabilidade é também o sentido largamente maioritário (82%) das previsões relativas à evolução do emprego, atingindo mesmo a unanimidade entre as empresas com mais de 250 trabalhadores. O saldo de respostas extremas é negativo em 4 pontos percentuais, sensivelmente idêntico às previsões formuladas no trimestre anterior, o que sugere uma ligeira tendência de diminuição. Este saldo é mais favorável entre as empresas com uma orientação de mercado mista, do que entre as maioritariamente dedicadas ao mercado nacional ou exclusivamente exportadoras.





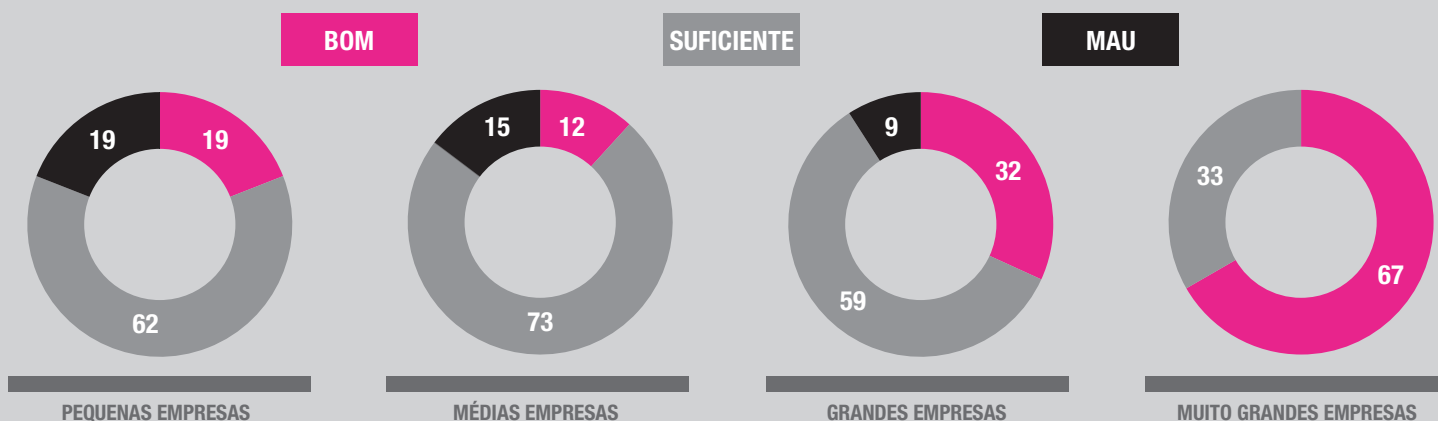
# Perspetiva sobre o estado dos negócios

As empresas inquiridas acreditam que, no terceiro trimestre, o estado dos negócios se manterá globalmente satisfatório: as que esperam que seja bom excedem em 8 pontos percentuais as que preveem que será mau, sendo este o sexto trimestre consecutivo em que este saldo se mantém positivo. Quase dois terços (64%) das empresas julgam que o estado dos negócios no próximo período será suficiente. Por comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, as empresas consideram que o estado dos negócios se manterá inalterado.



## Apuramento dos resultados

Tal como tem acontecido nos últimos trimestres, as previsões para o estado dos negócios estão fortemente correlacionadas com a dimensão e orientação de mercado das empresas. As empresas com, pelo menos, 100 trabalhadores (grandes e muito grandes) esperam um estado dos negócios claramente mais favorável do que as que ficam aquém desse limiar de dimensão. O mesmo acontece com as empresas que fazem a maioria do seu volume de negócios no estrangeiro que estão mais otimistas do que as orientadas predominantemente para o mercado nacional.

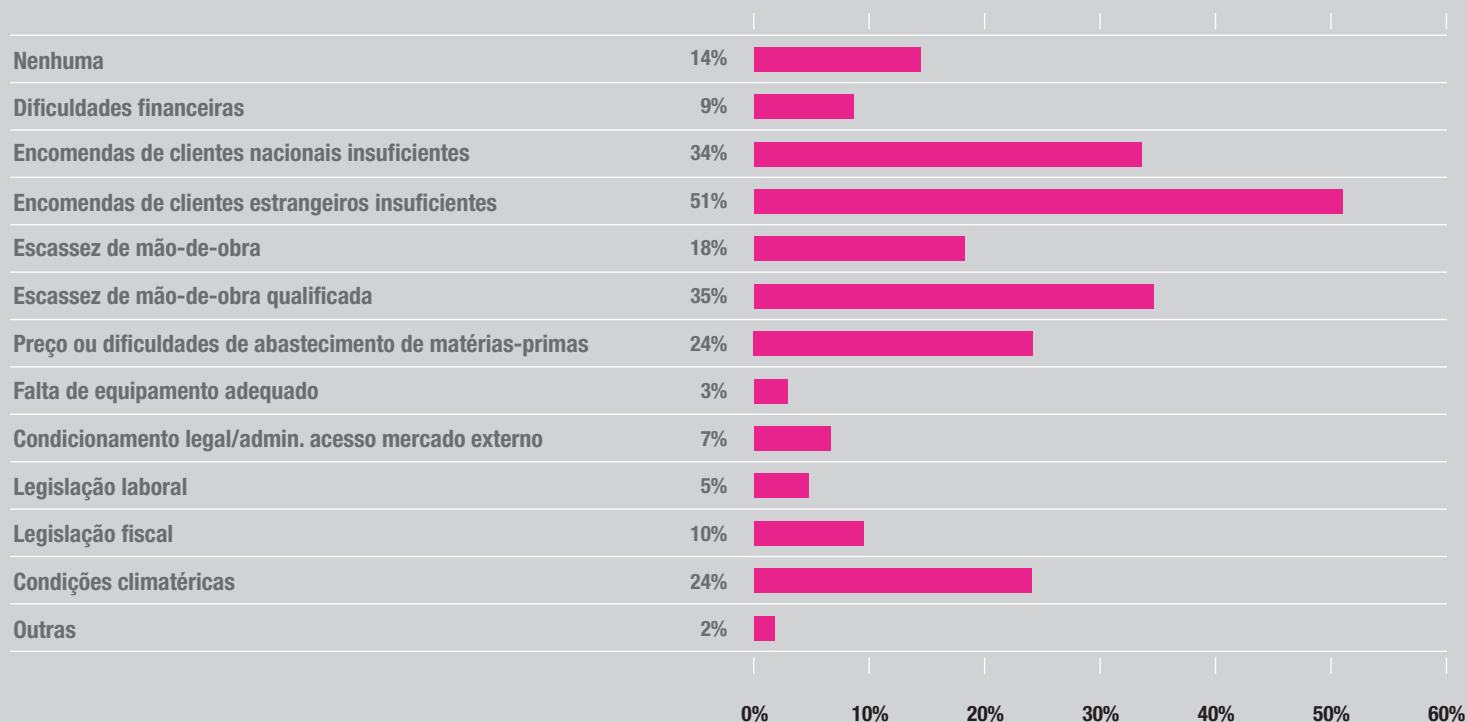


# Limitações previstas

As empresas acreditam que, no próximo trimestre, as dificuldades decorrentes das condições climatéricas continuarão a fazer-se sentir, embora registando algum desagravamento face aos dois anteriores (-4 p.p. face ao segundo trimestre). As empresas totalmente exportadoras mostram-se muito menos preocupadas com esta dificuldade do que as restantes.

Embora as dificuldades relacionadas com a insuficiência de encomendas do estrangeiro continuem a abrandar, estas preocupam ainda a maioria das empresas (51%). Pelo contrário, há um ligeiro aumento, para 34%, das referências a insuficiência de encomendas de clientes nacionais. Embora sejam transversais à indústria, estes fatores preocupam mais acentuadamente as empresas de menor dimensão.

## PREVISÃO PARA PRÓXIMO TRIMESTRE



Quanto às restantes dificuldades sobre que são inquiridas, as empresas não preveem alterações significativas face à situação registada no segundo trimestre. Verifica-se uma muito ligeira diminuição das referências a dificuldades relacionadas com matérias-primas e com a insuficiência de mão-de-obra qualificada, não havendo alteração quanto à mão-de-obra em geral. Há também um ligeiro abrandamento das referências a dificuldades decorrentes da legislação laboral e fiscal.

De referir ainda um ligeiro aumento, para 9%, na percentagem de empresas que se referem a dificuldades financeiras. Estas referências vêm exclusivamente de empresas com menos de 100 trabalhadores e, predominantemente, de empresas orientadas maioritariamente para o mercado nacional.

---

# Notas de Conjuntura

As previsões dos especialistas apontam para que, nos próximos anos, a economia portuguesa e europeia continue a crescer embora a um ritmo menor do que no passado recente.

Em julho, o Fundo Monetário Internacional manteve a sua previsão de um crescimento de 3,9% do PIB mundial em 2018 e 2019. No entanto, reduziu as previsões para a área euro, onde se situam os principais mercados das exportações portuguesas de calçado, para 2,2%, este ano, e 1,9%, no próximo. O FMI considera que:

“(…) a expansão está-se a tornar menos equilibrada e os riscos para as previsões estão a crescer. A taxa de expansão parece ter atingido o pico nalgumas das principais economias e o crescimento tornou-se menos sincronizado. As projeções de crescimento foram revistas em baixa para a área euro, Japão e Reino Unido, refletindo surpresas negativas para a atividade no início de 2018.

O saldo dos riscos tornou-se mais negativo, mesmo a curto prazo. Os recentemente anunciados e previstos aumentos de tarifas alfandegárias pelos Estados Unidos e as medidas retaliatórias dos parceiros comerciais elevaram a probabilidade de disputas comerciais crescentes e sustentadas. Estas poderão fazer descarrilar a recuperação e reduzir as perspetivas de crescimento de médio-prazo, tanto através do seu impacto direto na afetação de recursos e na produtividade como por aumentarem a incerteza e terem um custo no investimento. (…)

Evitar medidas protecionistas e encontrar uma solução cooperativa que promova o crescimento continuado do comércio de bens e serviços continua a ser essencial para preservar a expansão global.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook Update, julho 2018

As previsões do Banco Central Europeu, emitidas em meados de setembro, são ligeiramente mais cautelosas do que as do FMI. O BCE prevê que o PIB da área euro cresça 2% em 2018, 1,8% em 2019 e 1,7% em 2020. O Banco afirma que:

“Depois do forte crescimento em 2017, a expansão económica na área euro abrandou no primeiro semestre de 2018, em grande medida devido ao enfraquecimento do comércio global. Embora as incertezas globais tenham acalmado as perspetivas de curto prazo, prevê-se que a expansão da área euro continue a um ritmo ligeiramente acima do potencial, refletindo o impacto favorável de uma política monetária muito acomodatória, da melhoria das condições no mercado de trabalho e do fortalecimento dos balanços. O ligeiro abrandamento do crescimento real do PIB (…)

é principalmente explicado pelo enfraquecimento do estímulo do comércio mundial e pela crescente escassez de mão-de-obra.”\*

Banco Central Europeu, ECB staff macroeconomic projections for the euro area, setembro 2018

O FMI publicou muito recentemente uma nova avaliação da economia portuguesa, afirmando:

“A economia portuguesa teve um forte desempenho em 2017. O investimento e as exportações foram os principais determinantes do crescimento. As condições do mercado de trabalho continuaram a melhorar, com redução do desemprego e uma alargada criação de emprego. O saldo orçamental subjacente mostrou uma forte melhoria, o que se pode atribuir ao significativo crescimento económico, a uma execução orçamental controlada, e à queda dos juros, e contribuiu para condições de financiamento mais favoráveis para toda a economia. (…)

As perspetivas permanecem positivas, mas recentemente os riscos negativos aumentaram. Admite-se que o crescimento se reduza em 2018, face ao seu recente pico cíclico, e que se modere gradualmente a médio prazo. (…)

As políticas devem permanecer determinadas face aos acrescidos riscos externos e às pressões para esbater as reformas passadas.

É necessário um crescimento sustentável mais acentuado para reduzir as vulnerabilidades e convergir para os níveis médios de produtividade e rendimento da UE. O fortalecimento do crescimento irá requerer a promoção de investimento financiado de forma sólida e melhorias continuadas na produtividade e competências. O investimento pode ser incentivado, melhorando as condições de negócios, simplificando a regulação e aumentando a flexibilidade e capacidade de respostas das instituições e dos mercados, aproveitando as reformas passadas.”\*

Fundo Monetário Internacional, IMF Country Report No. 18/273, setembro 2018

\*Tradução nossa

P O R T U  
G U E S E  
S H O E S  

---

A P I C C A P S